

Sobre os universais¹

MD Magno²

Resumo: O pensamento ocidental está infectado de Universais, que são meras anotações formais de supostos *frequentes* primários ou secundários. É o campo do Nominalismo, em que a frequência, por maior que seja, não prova universalidade no campo do espontâneo, do dado. Só se pode falar em universal como postulado suficiente para sustentar como axioma a produção de uma teoria. É um postulado útil no caso, mas contestável por outra teoria. Qualquer crença já é uma paranóia, é a sintomatização de uma hipótese, de uma conjectura, como sustentada por um suposto universal. O relativismo cultural é um universalismo disfarçado: a cultura se torna o valor. O valor é: haver cultura.

Palavras-chave: teorias da comunicação; universais; psicanálise

Abstract: Western thought is infected by Universals, which are just formal notations of supposed frequencies seen in nature or in culture. It is the field of nominalism, where frequency, although high, does not prove universality in nature. “Universal” can only be used as a sufficient postulate to sustain, as an axiom, the production of a theory. It is a useful postulate, but contestable by another theory. Any belief is already a paranoia: it is symptomized by a hypothesis, a conjecture, as sustained by a supposed universal. Cultural relativism is a disguised universalism: culture becomes the main value. The value is the fact that there is culture.

Keywords: communication theories; universals; psychoanalysis

Universais, uma questão importante que precisamos decidir. É necessário, quanto à configuração que apresento³, entender que não existem universais espontâneos, no sentido em que coloco a oposição entre ARTIFÍCIOS INDUSTRIAIS e ARTIFÍCIOS ESPONTÂNEOS⁴. Todo o pensamento ocidental está infectado de universais, que

¹ Artigo de referência para a pesquisa “Transformação dos Vínculos”, realizada no Grupo de Pesquisa/CNPq “Comunicação e Tecnologias” do PPGCOM/UFJF. Texto retirado da segunda seção do Falatório do autor, intitulado *Clownagens*, realizado em 02 abril 2009, e estabelecido por Potiguara Mendes da Silveira Jr.

² Psicanalista. Professor aposentado (Eco/UFRJ e UERJ). Ex-Professor do Depto. de Psicanálise de Vincennes. Email: mdmagno@novamente.org.br

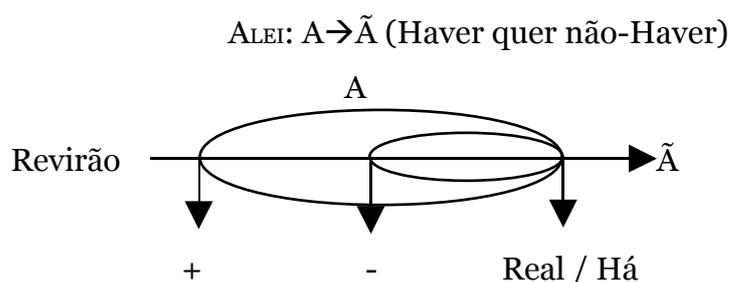
³ Nova Psicanálise, ou NOVA MENTE, reformatação da psicanálise (Freud/Lacan) realizada pelo autor nos anos 1980, após percurso que pode ser acompanhado em textos publicados de seus Seminários e Falatórios, que se realizam ininterruptamente desde os anos 1970. Cf. www.novamente.org.br

⁴ Sobre os conceitos e termos da teoria da Nova Psicanálise aqui retomados e indicados em VERSALETE, ver *Glossário* publicado ao final do artigo do autor, *Neurônios-espelho: o Revirão*

temos que considerar falsos. Só existem pseudo-universais secundários⁵, isto é, industriais. Chamo de ‘pseudo’ por serem meras anotações formais de supostos *freqüentes* primários ou secundários. Estamos, portanto, no campo do Nominalismo. A freqüência, por mais extrema que possa comparecer, não prova universalidade alguma no campo do espontâneo. Lembrem-se de que mesmo a física contemporânea já começa a se dar conta de que suas ditas leis não são universais, ou seja, que o dito Universo não é, ele mesmo, universal. Em suma, que não existe universo e que é melhor pensarmos em termos de Multiversidade.

Delírio ocidental

Não é possível querer fingir que, mediante psicanálise, damos conta de formações psíquicas e conseguimos abordar o inconsciente, quando estamos cercados de delírios seculares, os quais raramente são criticados. O pensamento, sobretudo o ocidental, está absolutamente infectado por esse tipo de coisa. Inclusive, a teoria psicanalítica. O único universal, se houver, se quisermos considerar, é o HAVER (A) como singularidade. É melhor até dizer que o único universal é que Há. Nada se pode fazer fora do Há. O NÃO-HAVER (Ã) não há, e o que há, Há e não se pode sair de dentro disso – mesmo assim é preciso manter certa suspeição. Dá a impressão de que, para uma IDIOFORMAÇÃO – que somos nós, por exemplo –, não há a menor possibilidade de não se deparar com Há. Por isso, no esquema do REVIRÃO que tenho apresentado, coloquei-o no lugar de Real. Qualquer que seja a condição da Pessoa – que é uma IdioFormação de nosso caso –, ela não pode não se deparar com Há. Isto acontece, mesmo em caso de loucura. Qualquer tipo de loucura cabe aí e se depara com Há, de algum modo.



Coloquei ALEI pulsional com todas as letras maiúsculas: Haver desejo de não-Haver ($A \rightarrow \tilde{A}$). Ela é universal? *Só é dita universal como postulado suficiente para sustentar como axioma a produção de uma teoria.* É um postulado útil em nosso caso, mas contestável por outra teoria. E não se trata de refutação, pois não estou falando de Popper, e sim de contestação, por qualquer motivo. ALEI pode ser no máximo um *genérico*, no sentido lógico, o qual precisa ser referendado por

no cérebro, publicado em Lumina: Revista do PPGCOM/UFJF, 2007, v.1, n. 1: [http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path\[\]=9&path\[\]=12](http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path[]=9&path[]=12)

⁵ Ver “RECALQUE (Regimes ou registros de)” no *Glossário*, referido na nota acima.

experiência pessoal ou por outras teorias. Repetindo: é apenas um genérico e não um universal.

Verdade

O que pode ser uma verdade? Só pode ser *um enunciado que sustenta uma composição, isto é, uma formação supostamente explicitada*. Qual é a verdade da NOVAMENTE? É aquela que sustenta sua *Fixação*, escrita com *x* para pegar os dois sentidos: uma *ficção*, em sentido comum, que foi *fixada* de alguma maneira ou que tenta fixar algo. A verdade que sustenta nossa fixação é: Haver desejo de não-Haver – que é justamente o axioma postulado para ver se consegue segurar a construção de uma teoria. Somos nefelibatos, caminhamos em cima de nuvens. Observem que essa tal verdade não é a verdade do Haver, é sim a de nossa fixação do Haver.

E não se trata de discutir se é falso ou verdadeiro, pois só pode ser falso e verdadeiro na comparação dessa composição com outra. Sempre é tomar partido, fazer consideração, escolha, mesmo em função de uma terceira formação. Precisamos da fixação porque, sem isso, a loucura fica grande demais e estamos sem aparelho algum, ainda que falso, de sustentação. Não importa que o aparelho seja falso, pois não se trata de verificar a falseabilidade de uma fixação. A fixação é contestável por qualquer coisa, depende do poder dessa coisa. Mas é possível manter um mínimo de argumentação, infinita, segurando certa correlação entre informações para ver se dá para sobreviver com um mínimo de loucura, apenas com a loucura basal da espécie.

Paranóia e teoria

Lembrem que Freud teve sucesso em relação à sua paranóia, como ele mesmo disse, duas vezes. Primeiro, sucesso social e histórico. Segundo, por conseguir uma argumentação razoável para nos dar certa orientação dentro da confusão. Isto, aliás, é que é sucesso, pois o mais freqüente é o sucesso no mundo ocorrendo referido a algo sem pé nem cabeça.

Uma teoria sustentada por um pseudo-universal, como disse, é apenas uma teoria. Em grego, *theoría* significa contemplação, maneira de olhar, ver. Aliás, é como Nietzsche chama sua epistemologia, se é que nele existe alguma: *perspectivismo* – isto é, ponto de vista. É apenas uma teoria: uma *caixa de ferramentas*, como chamava John Dewey, supostamente adequada a uma operação. Ou supostamente mais adequada que outra caixa de ferramentas. Sempre com o *supostamente*, pois alguma formação tem que produzir essa suposição.

Poderiam objetar ao que coloco que as afecções psíquicas só dependeriam de universais secundários – que chamo de *pseudo*, já que disse que não existem universais espontâneos –, e que, portanto, valeriam *como* universais para aqueles comprometidos com essas afecções. Qualquer psicótico tem certeza de que valem como universais. Respondo que *nada garante que uma alta freqüência de algum*

genérico possa se apresentar, de fato, como universal. Pode apresentar-se como universal para uma pessoa sintomaticamente comprometida, mas não passa, mesmo nesse caso, de uma postulação, de uma hipótese fundadora de *paranóia*, como é também no caso da teoria. É aí que Freud, com toda razão, diz ter tido sucesso onde o paranóico fracassou; e onde Lacan fala de conhecimento paranóico.

Se a filosofia parece nunca ter incluído, pelos menos não explicitamente, o dado da paranóia em suas considerações, pelo menos o *pragmatismo*, mediante a idéia de caixa de ferramentas, a que me referi acima, tem uma posição bastante curativa. A posição de Nietzsche também é curativa. Por isso, aliás, os filósofos têm dificuldade de chamá-los de filósofos. Não gostam de tratar nem com o pragmatismo nem com Nietzsche. Nisto está imbricada a questão da absoluta INDIFERENCIAÇÃO entre teoria e prática. Ou seja, entre teoria e clínica, pois uma está imbricada na outra, e não há como separar.

O genérico, o sintoma, o geral e a cultura

Não há, portanto, universal. Há, sim, o *genérico*, que, definido pelas lógicas habituais, é o que se apresenta como regularidade, característico, habitual, típico. Isto é, uma formação que se repete com muita freqüência e a tomamos como genérica.

Como disse, os físicos já acham que uma lei física não se comporta do mesmo modo em qualquer parte do Haver. A universalidade da lei física era intocável, era a garantia de haver ciência no caso deles, mas isto foi abalado. Sabe-se apenas que, em nossa região aqui, é muito *freqüente* que as leis físicas funcionem. E não falo de uma função, que alguns acreditam possível, de sobrenaturalidade, e sim que é o natural, ou seja, o artificial. Não há nada sobrenatural, é assim. Os físicos, é claro, têm leis estatísticas que julgam que funcionam, mas, para nós, a definição de estatística é igual ao biquíni: mostra muito, mas esconde o essencial. Eles não gostam que tratemos assim, mas é parecido com isso. E não estou me referindo a algum anarquismo, e sim à possibilidade de produzir fixões funcionais, que sejam instrumentais, se quiserem, como diz Dewey, que sejam boas ferramentas aqui e agora ou durante o prazo que vigorarem.

O genérico, que se apresenta com habitualidade, com freqüência, é da ordem do *sintoma*: uma formação com suas características e tipicidades, como dizem os lógicos, e que habitualmente comparece com regularidade. Por exemplo, o CREODO ANTRÓPICO⁶ não é universal algum, mas um sintoma estabelecido sobre a observação e a repetição de certos sintomas na história desse grupo chamado gente. Se não for tomado assim, qualquer dia tem gente rezando para ele. Não há, portanto, universal, mas há o genérico. E há o *geral*, que é também uma visão da lógica. Por exemplo, uma proposição geral é aquela que contém um genérico. Então, podemos falar “geralmente” das coisas, onde encontramos certos genéricos. Isto existe, mas, sinto muito, não dá para passar daí.

⁶ Cf. *Apêndice*, no final deste artigo.

Se fingirmos que há universal para constituir uma fixão – por exemplo, tomar “Haver desejo de não-Haver” como um universal –, é puro expediente lógico tomado como axioma para fundar a teoria. Mas aí começam a transmissão e a clonagem desse expediente lógico. É quando se estratifica, se hipostasia, e ficamos metidos numa paranóia quase impossível de demover. Primeiro, é mera paranóia, depois, vira psicose mesmo. Sempre precisamos desconfiar de que, quando estamos metidos numa fundação cultural e partindo de um suposto fundamento cultural, somos meros psicóticos ou agimos como tal.

Os estratos culturais não deixam de ter características neuróticas, já que, segundo nossa maneira de ver, há recalque. Mas quando se estatui um universal qualquer, hipostasia-se, pois foi remetido a um real, ao Haver – e aí funciona como psicótico mesmo. Não se consegue arrear o pé. É como cachorro preso na corrente: ele corre, a corrente o agarra e o puxa de volta.

O conhecimento, o provisório e a crença

Portanto, dito isso, qualquer conhecimento, bem como qualquer formação, é da ordem do *provisório*. Palavra esta que vem do latim *provisus*, particípio passado do verbo *providere*, prover, que quer dizer: dar provisão, tomar providência, regular, ordenar, fornecer. Estamos, então, provendo algo, tomando providência. No que tomamos certa providência – por exemplo, construir certa fixão porque a outra parece, ou nos parece, que não funciona bem –, simplesmente produzimos algo de provisório, produzimos um provisório, uma provisão. E mais, na língua portuguesa o termo também significa temporário, o que não é definitivo.

O que é uma *crença*? Livros de filósofos e psicólogos definem qualquer referência de conhecimento como crença. Têm mesmo a audácia de dizer que há crença justificada. Mas não temos nesses livros que *a crença, qualquer uma, é sintomatização de uma hipótese, de uma conjectura, ou coisa que o valha, como sustentada por um suposto universal*. Se não for universal, não é crença. Digo isto porque supor que exista algo ou alguma verdade para além de mera construção secundária é necessariamente supor que aquela verdade exista universalmente para todos e qualquer um. Se não, não vale, pois como ter crença em algo que não tenha credibilidade universal? Falo de crença, e não de suposição. Qualquer um que crê em algo, tem que tomar aquilo como intocável, universalmente válido. Trata-se, neste caso, de mera suposição tomada não como suposição, mas como havência não apenas secundária. Entretanto, nenhuma havência que não seja mera construção secundária é provável. Não há universal no Haver, não há provado. Pior, toda e qualquer crença é, a rigor, religiosa. O que é um ateu? Alguém que acredita que Deus não existe. Portanto, é um religioso que acredita nisso, em vez de se lixar se existe ou não e ser capaz de pensar que existe sim, às vezes, no papel, pintado na parede, dizem até que é brasileiro...

A vontade de universal vem do horror que esta espécie tem por estar sem garantia etológica, já que não é mero cachorro ou cavalo. Aí vem o desespero, senão mesmo o terror. Começa, então, a querer algo para se fixar, e logo aparece um espertinho para oferecê-lo. Digo espertinho porque a melhor maneira de dominar outras pessoas é fingir que temos a oferecer algo que locupleta esse buraco. Dominamos e damos certo sossego, certo aparente bem-estar de estarem garantidas numa ficção, que, por não ser tomada como tal, é hipostasiada. Ou seja, é a certeza do psicótico. Às vezes, inventamos uma certeza para nós mesmos – e aí somos tão psicóticos como o outro –, só que, se formos espertos, distribuímos e ainda vendemos. Inventamos uma certeza para ficar na garantia e começamos a funcionar psicoticamente, isto é, como um animal. É NEO-ETOLOGIA⁷ hipostasiada: um animal da espécie católica, por exemplo. O pior é isso no campo dito da psicanálise: o animal da espécie freudiana, kleiniana, lacaniana...

Toda crença é, a rigor, religiosa. Daí o aspecto eclesiástico das formações mais ou menos instituídas, sempre freqüentadas por esses “palermas solenes de ar grave”, como diz Kaváfis. Mas não é preciso institucionalizar em cima de um universal ou de uma crença, pode ser em cima de uma fixação que pretenda ter a oportunidade de se provar eficaz. Como a humanidade é mais para o lado do imbecil do que outra coisa, é difícil ter certa lucidez. Parece, então, que não se pode tomar algo como suposição, como hipótese, e que temos que tomar como crença, pois, se assim não for, acharemos que não vale a pena, que não há como serenar dentro de um campo sem *acreditar* nele.

Uma crença já é ela mesma uma paranóia. Costumamos encontrar a paranóia definida pela via de sua aparição psicótica. Tratados e dicionários de psicologia, em sua maioria, dizem que é um distúrbio com funcionamento tal, com delírio, etc., ou seja, em nossos termos, tem aparecido e sido descrita como uma MORFOSE REGRESSIVA⁸. Entretanto, o termo *paranóia* não precisa necessariamente designar a assim chamada psicose paranóica. Há esta e há a simples paranóia. Exercer uma paranóia é botar fé, crença, numa mera fantasia. Já lhes expliquei que, quando botamos fé em algo, estamos numa crença, mas a fé não tem substância. Fé é PULSAO. A Pulsão em estado puro é *ter fé*. Em quê? Em coisa alguma. Preciso ter fé em algo? Não. Tenho fé, aí posso fazer investimentos dessa fé. Não preciso aplicá-la imediatamente como crença. Posso tomá-la e investir aqui ou ali. Quando boto fé numa fantasia organizada, aí fica uma crença. A fé é uma força neutra, e quando a aplicamos a alguma formação, ela se torna uma crença, que é uma paranóia. Aí é preciso entrar a vigilância. Ou seja, quando aplicamos a fé a uma fantasia, a uma formação, começamos a entrar em estado de crença, em estado de paranóia. O cerne da frase de Freud “tive sucesso onde o paranóico fracassou” está justamente em dizer: eu mesmo não tomei meu investimento como crença, e sim como ciência, como possibilidade de conhecimento, de aplicação. Produzir uma crença é radicalmente diferente de fazer

⁷ Cf. *Apêndice*, no final.

⁸ Cf. *Apêndice*, no final.

uma aplicação como *aposta*, como mero investimento suposto render algum lucro. Isto, sem crença. É aí que está a diferença entre sintomatizarmos ou não nossa aplicação. Só um tolo investe com fé na bolsa de valores, em vez de tentar ver se ganha algum dinheiro. Se botar fé, irá à falência.

Assim sendo, uma paranóia pode fundar uma Morfose Estacionária ou uma Morfose Regressiva como até mesmo uma Morfose Progressiva, sendo utilizada de modos diferentes por cada uma delas.

As teorias e o relativismo cultural

Há também a *vetorização* nas teorias. Em todos os campos, há teorias que são progressivas no sentido de buscarem afastar-se ao máximo das formações sintomáticas e entender apenas as articulações. Na psicanálise, isto é evidente. Freud e Lacan, por mais amarrados que sejam, são vetores progressivos que tentam desconfigurar as formações sintomáticas. Lacan, por exemplo, tenta, como diz, algebrizar. Já Jung é nitidamente regressivo. É evidente que ele, ao invés abstrair, procura os sintomas do passado para arquetipizar e pensar *com* as formações sintomáticas, e ficar interpretando *com* elas. Busca o sintoma tal como se constituiu no passado e vai reificando.

O relativismo cultural é um universalismo disfarçado: a cultura se torna o valor. O valor é: haver cultura. Ou seja, é todo mundo psicótico, mas como cada um delira de um jeito, há que respeitar, pois pelo menos tem uma cultura, uma psicose. É um alívio. Se o outro não fosse psicótico, como ficaríamos? Como imaginar uma civilização sem cultura (que seria o Quinto Império), na qual as palavras, por exemplo, não terão o peso sintomático que têm? Serão meras ferramentas. As pessoas ficam sossegadas em saber que há as diferenças, mas que fulano é perfeitamente visualizável, pois pertence a tal cultura, a tal sintoma, a tal tribo. Isto dá serenidade, já que para se falar com o outro no vazio, sem saber quem ele é ou pode ser, tem que ser muito analisado. Não há garantia alguma, não sabemos com quem falamos, mas fingimos que sabemos. Dizer que conheço fulano, que ele é gente fina, é coisa de maluco. Sequer sei quem é eu, imaginem os outros! Mas a repetição, o genérico de cada um, arrolado como se fosse uma fixação (e não uma fixão) universalizante, dá serenidade. Só que, quando menos se espera, o outro faz o que não se espera. Aí digo que nunca pensei que ele pudesse fazer aquilo. Por que não pensei? Era uma das hipóteses.

Vamos agora para a face oposta, para o outro lado do Terror. O rigor da manutenção de uma regra de jogo, no sentido de poder efetivamente testar sua eficácia, não tem a ver com a fundação de uma nova credence. Entretanto, basta que se consiga propor uma nova formação teórica para que apareçam aqueles dispostos a: 1) ou tomá-la religiosamente; 2) ou achar que, se não é religião, podem fazer com ela qualquer samba do miolo doido. Se o jogo tem uma constituição, até para testar sua eficácia, é preciso não tomá-lo como crença, e sim respeitar sua ordem de

funcionamento. Se não, nunca temos prova, nunca nem se esgota o valor do jogo. O mais freqüente, diante de qualquer um que coloca um teorema, é encontrarmos os beatos e os que, mesmo vivendo dentro daquela ordem de jogo, querem dizer que é tudo relativo. Não é. Jogo não é relativo. Se relativizarmos o jogo, estaremos roubando. Estamos livres para fazer o jogo que quisermos, mas se sentarmos para jogar tal jogo, não poderemos roubar ou acreditar que ele seja a verdade. Nenhuma das duas coisas, mas o mais freqüente são fortes reações nesses dois sentidos. Ante uma proposta de jogo, de fixão, ou a imbecilidade é ajoelhar-se, e aí não tem diálogo, ou é dizer que, por ser apenas uma fixão, pode-se fazer o que quiser. Não pode, pois a fixão é tal e não outra. Se alguém discorda, que faça a sua, faça outra.

Apêndice

• **Cinco Impérios** – São os Impérios que a NovaMente extrai de sua experiência e de suas bases teóricas. Eles serão seguidos como possível vetor de desenvolvimento segundo um verdadeiro Creodo [conceito criado por René Thom: 'caminho obrigatório'], que parte do Primário para o Secundário, e daí para o Originário. Nada obriga a este caminho – não há imperativo kantiano –, mas para ele estamos disponíveis:

1°) *Império d'Amãe*: Devido à descendência carnal de nossa existência primária de animais, embora diferenciados, de início as mães é que constituíam a referência de Eu. Não que as mulheres governassem (certamente jamais houve nenhum matriarcado), mas as pessoas, de ambos os sexos, deviam viver e deslocar-se centradas nas mães enquanto referência na organização do espaço e do movimento, enquanto nomeadoras dos indivíduos e organizadoras dos grupos. Portanto, a referência era estritamente ao que é do Primário.

2°) *Império d'Opai*: Saber quem é a mãe pode ser fácil, bastando verificar e marcar ou atestar o nascimento. Bem mais difícil é garantir a paternidade muito antes do teste de DNA hoje possível. Para isto foi preciso inventar expedientes como a vigilância da fidelidade das mulheres ou o apedrejamento das adúlteras. Neste Império surge a revolucionária invenção do Pai, bem como de um Pai-do-céu, mas que é pai... de certo povo dileto. A referência agora é a passagem do Primário ao Secundário.

3°) *Império d'Ofilho*: Por exemplo, a invenção de Jesus Cristo ("atire a primeira pedra...") revolucionando o judaísmo, quando a paternidade é passada diretamente para os céus aonde habita um Deus que já não é mais apenas o pai de certo povo, mas sim de qualquer um como de todos os que ouvem a Sua (Dele) palavra. Atualmente, ainda estamos neste Império, onde a referência é estrita ao Secundário.

4°) *Império d'Oespírito*: Surgiria quando nos desfizéssemos não só dos mediadores da palavra de Deus, como da própria paternidade com sua paternalização indefectível e acabássemos por reconhecer que é o nosso regime Secundário, simbólico, transcrito, linguageiro e subseqüentemente monetário, que dá sustentação às manobras culturais que até agora temos efetivado. Aí se tomaria esse regime Secundário como a referência fundante e determinante de nossas maquinacões culturais, as quais passariam a ser cada vez mais abstratas e generalizantes. Só assim, todos, genericamente, sem menor discriminação por mãe, pai ou palavra assentada, poderiam ser absolutamente "irmãos" definitivos, embora diferentes demais ou até mesmo contraditórios. Constatam-se várias lufadas parciais ou regionais do vento deste Quarto Império. Nele estamos adentrando, mas ainda mal preparados e apegados aos obsoletismos do Terceiro Império. O efeito primeiro dessas lufadas sendo a recrudescência de nacionalismos, regionalismos, confissões religiosas, credices e magias reentoadas, velhas moralidades reentronizadas. Mas se tivermos a

sorte, acabaremos por tomar assentamento neste novo estádio. A referência seria então a passagem do Secundário ao Originário.

5°) *Império do Amém*: É ainda impensável, pois sem experimentar efetivamente o Quarto Império, talvez nem saibamos conjecturar direito o que virá depois. No Quinto Império há que bendizer quase tudo, ou mesmo tudo (em latim *valetudo* significa saúde) – mas sustentando ao mesmo tempo um juízo acirrado e rigoroso, para além da aderência patológica e patética às nossas formações sintomáticas tão particulares, isoladas e ociosas. Sua estrita referência é ao Originário.

▪ **Morfoses** (ou **Psicomorfoses**) – Denominação que inclui e substitui todas as usuais categorias ditas nosológicas, agora tomadas como Formas de Gozo. As *IdioFormações* apresentam quatro aparelhos mórficos: *Morfose Progressiva*, que inclui e acrescenta novos entendimentos às chamadas perversões e fobias; *Morfose Estacionária*, em substituição às neuroses histérica e obsessiva; *Morfoses Regressivas*, em substituição às psicoses (esquizofrenia e paranóia); e *Morfose Tanática*, que inclui a melancolia. Cada uma pode se marcar de modo positivo ou negativo. E cada uma das marcações (positiva ou negativa) pode ser encontrada em sua forma ativa ou reativa. As Morfoses se decompõem em Patemas, formações mínimas da estrutura psíquica que são da ordem do *pathos* (afetação), e não do nosológico. O conjunto dos Patemas constitui a *Patemática* (e não a nosologia) da *Psicanálise*.

▪ **Neo-Etologia** – Resultado de Recalque, no nível Secundário, das possibilidades de reviramento da espécie humana. A cultura, em um de seus sentidos, é vista como uma neo-etologia, por criar uma nova etologia por excesso de crença nos modelos dados de comportamento e imitar o etológico espontâneo do nível Primário.